

Igor Guatelli

*i*

INDELÉVEIS RASTROS<sup>1</sup>

I44

pós-

(1) Parte deste artigo foi originalmente escrito como capítulo do livro *O arquiteto e a cidade contemporânea*, publicado em 2009 pela editora Senac, a convite do editor Abílio Guerra, co-organizador do livro.

## RESUMO

A partir de um projeto de Zaha Hadid em Viena, pretende-se discutir as possibilidades de deslimitação do objeto arquitetônico e os possíveis processos de mediação e amálgama com a cidade, e de qual maneira a arquitetura poderia incorporar essa questão no fazer projetual. Parte da premissa da importância de micropolíticas urbanas que se formam e desfazem-se a partir de rastros, o “quase” ausente capaz de produzir diferenças pela mistura, pelo contágio e pelo movimento, parecendos mostrar que tão importante quanto a proximia, relações de proximidade e fusão é a diastemia, relações baseadas em contaminações pela irradiação, que podem se dar em diferentes graus de intensidade.

Aqui, o rastro como uma condição frágil necessária para o surgimento da alteridade. O “além-do-ser” a surgir proveniente daquilo que parece sempre não mais estar lá, seja como uma presença *quase* ausente (desativada), “invisível”, ou como movimento de contaminação suplementar – e conseqüente superação daquilo que parece ser da “natureza” ou próprio de algo – do objeto e/ou territorial, a hibridização.

## PALAVRAS-CHAVE

Diferir, suplemento, ser-com, ser-para-si-mesmo, articulação, interferência, programa.

### RESUMEN

#### RESUMEN

A partir de un proyecto de Zaha Hadid en Viena, discutiremos las posibilidades de des-limitación del objeto arquitectónico y los posibles procesos de mediación y fusión con la ciudad, y la manera como la arquitectura podría incorporar esas cuestiones en la producción de proyectos. El análisis parte de la premisa de la importancia de las micropolíticas urbanas que se forman y se deshacen a partir de huellas (la “casi” ausencia), capaces de producir diferencias por la mezcla, por contagio y por el movimiento, y que parecen demostrar que tan importante como la proxemia (las relaciones de proximidad y de fusión) es la diastemia, es decir, relaciones basadas en la contaminación por irradiación, que puede darse con diferentes grados de intensidad. Aquí, la huella como una frágil condición necesaria para el surgimiento de la alteridad. El “más allá-del-ser” que surge de lo que parece siempre ya no estar ahí, sea como una presencia *casi* ausente (inactiva), “invisible”, sea como un movimiento de contaminación suplementario – y por consecuencia la superación de lo que parece ser de la “naturaleza” o propio de algo – del objeto, o territorial, la hibridación.

#### PALABRAS CLAVE

Diferir, suplemento, ser-con, ser-para-sí, articulación, interferencia, programa.

## INDELIBLE TRACES

146

pós-

### ABSTRACT

Based on a Zaha Hadid project in Vienna, built on a former railroad extension designed by Otto Wagner, this article discusses the value of urban traces, structures almost absent, in the construction of urban territories. The article presents the possibilities of constitution of the architectural object from possible cases of mediation and amalgamation with the city. It assumes the importance of micro-urban policies that are formed and are disposed from the traces, the “almost” absent capable of producing differences by mixing or by contagion. Here, the trace is a fragile condition necessary for the emergence of alterity. The “beyond of being,” that which arises from what seems to always be there no more, is almost absent as a presence, hence “invisible.”

### KEY WORDS

Differ, supplement, be-with, being-for-itself, links, interference, program.

O espaço público, do público, é o espaço da permanente *publicação*, de um colocar-se infinito, de um ser-com e um eterno ser-em-si-mesmo em processo – ao contrário de um ser-para-si-mesmo – de interminabilidade fecunda, do *etcetera*. De qual maneira esse espaço da condição expectante, ao mesmo tempo um espaço da constituição incondicional e da alteridade, encontraria, na arquitetura edificada, um aliado na defesa dessa cláusula da in-conclusão, da abertura ao outro, das vibrações sem fim dos sentidos dados e do estabelecido?

É impossível não considerarmos a arquitetura edificada a partir de sua inexorável presença; faz parte do ser-no-mundo da arquitetura a ação de colocar-se em presença do público. Porém, tal condição histórica não nos impede de pensar e questionar essa razão de ser da arquitetura e como essa ação de *colocar-se* poderia ocorrer.

A vida metropolitana é movimento, conflito, ruptura, indefinição, parte constituinte de complexos sistemas urbanos que exigem outras formas de investigação e experiência projetuais, não-convencionais ou usuais, no sentido de não se submeterem às convenções e regras históricas que consolidaram o fazer projetual, sejam elas utilitaristas, sejam baseadas em princípios da bela forma e autonomia do objeto artístico.

Em vez das “narrativas”, encadeamentos e coesão espacial da cidade histórica, ou da logocêntrica e teleológica desejada cidade moderna, o espaço metropolitano atual configura-se como justaposição de dissociados, dissonantes e assimétricos territórios, *locus* de forças disjuntivas e permanentes jogos de tensões entre situações. Na contramão dessa dinâmica, vivenciamos um momento no qual a razão de ser da arquitetura parece basear-se *quase* exclusivamente em um exercício de hipertrofia do olho, da busca por uma acentuada presença e uma *espetacularização* formal, de um ser-para-si-mesmo, sem quaisquer vínculos com situações existentes.

Em qual sentido poderíamos pensar a arquitetura, o objeto arquitetônico, a partir de um *colocar-se para* e não um ser-para-si-mesmo, um suporte de incremento infra-estrutural, ao mesmo tempo ausente e presente? Um ser até certo ponto frágil como condição para um vir a ser baseado não em um ser-para-si-mesmo ao tornar-se pública, mas um ser-com (noção a partir do conceito de *Mitdasein*, de Heidegger), um ser que se constrói, constitui-se e fortalece-se a partir de costuras, de alinhamentos e articulações com um além de si próprio, um processo de colocar-se em público como um ser presente, mas não auto-suficiente, reduzido em seu sentido e frágil o suficiente para se por com, compor-se não como um ente ideal ou idealizado, a-temporal e acima do público, mas a ser fortalecido, em sua razão de ser, pelo público, ou seja, a cidade e seus habitantes.

Poderia, então, a arquitetura do edifício ser pensada como rastro, nem ausência nem presença absolutas, mas um querer-ser, ou, na expressão de Heidegger, um ser-aí (*dasein*) capaz de ligar-se, de compor-se e conectar-se

(2) Deformar como pré-condição para o surgimento e formação do outro, da alteridade.

(3) O termo *spittelau* está vinculado ao termo *spittel*, em alemão “hospital de indigentes” ou “asilo de pobres”. O Distrito de Spittelau, situado ao norte do centro de Viena, em área semiperiférica, destaca-se pela presença de uma incineradora de lixo e usina termal, construída em 1969, responsável por parte do suprimento de energia do município e pelo fornecimento de energia para um novo hospital que estava sendo construído, distante dois quilômetros.

(4) Otto Wagner, em 1890, elaborou um plano para a cidade de Viena, porém, apenas o projeto de reestruturação da rede ferroviária proposto por ele foi parcialmente implantado.

com, em um processo produtivo de encadeamentos espaciais, um devir-espaco, um espaçamento? Como a alteridade, o outro que sempre emerge para-além-do-ser e do próprio do ser, seria possível pensarmos arquitetura do edifício a partir do rastro, de um querer-ser-algo além dela própria ?

Uma arquitetura pensada como um meio de fortalecimento e enriquecimento de um ser-passado, nem absolutamente ausente nem absolutamente presente e, ao assumir o caráter conflituoso do próprio processo de com-posição, de por-se e posicionar-se com o outro, possibilitaria a emergência de novos sentidos e da alteridade quando ligada, mais que isso, hibridizada, deformada, amalgamada, *quase* fundida a algo além dela própria, além-de-si-mesma.

Uma arquitetura que se deixaria contaminar, em sua totalidade expressiva, ao fundir-se com outros rastros, com marcas e inscrições além dela própria. A prática do amálgama enquanto proximidade do próximo, *aproximação*, a dissolução de fronteiras entre o *próprio* e o *próximo*, entre arquitetura e cidade, o borramento dos limites formais do edifício em seu processo de por-se com – com-por-se – algo além dele próprio torna-se a premissa de análise de um projeto de Zaha Hadid.

## SOBRE RASTROS E DEFORMAÇÕES<sup>2</sup> – UM PROJETO DE ZAHA HADID EM VIENA

Situado ao norte da cidade de Viena, implantado sobre uma estação de metrô *spittelau*<sup>3</sup> e um viaduto (projeto do arquiteto vienense Otto Wagner<sup>4</sup> de um ramal férreo desativado, hoje transformado em uma ciclovia (que, por sinal, prolonga-se ao longo de um canal do rio Danúbio, o qual atravessa a cidade), o conjunto de três blocos de apartamentos (Figura 1), finalizado em 2008,



Figura 1: Vista do conjunto projetado por Hadid sobre o viaduto *spittelau*, desenhado por Otto Wagner  
Foto: Autor

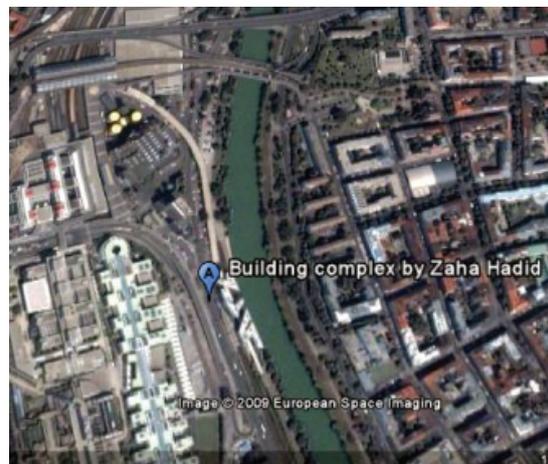


Figura 2: Vista aérea com os blocos habitacionais projetados por Hadid ao centro, junto do canal, a estação de trem *spittelau* ao norte e a universidade a oeste. Nota-se a antiga linha férrea, hoje uma ciclovia, partindo da estação de trem, passando pelo projeto de Hadid e estendendo-se ao sul em direção ao centro da cidade  
Fonte: Google Earth

inicialmente previsto para ser habitação social, destina-se, agora, à habitação para estudantes, provavelmente por estar ao lado de um campus universitário, a Universidade de Economia e Administração de Negócios (Figura 2). Sob os arcos do antigo viaduto, há a previsão de um restaurante, lojas e bicicletário.

Sobre um rastro urbano, uma “quase” ausência, uma inscrição territorial “quase” apagada, Hadid insere inscrições que reforçam e re-significam o “rastro”. Seu projeto abre a possibilidade de um incremento mútuo por intermédio de uma troca a ser construída entre o “rastro” e a “inscrição”; fundamentalmente, a idéia de um ser-com, um ser que se fortalece ao constituir-se com presenças além dele próprio. O projeto de Hadid, apesar da presença visual, não é um ser-em-si-mesmo, tampouco uma simples sobreposição em relação aquilo que “quase” não mais está lá.

Associações entre aquilo que chega e aquilo que já está lá são comuns na história da arquitetura. Entretanto, o que chama a atenção nesse projeto é a maneira como a arquiteta estabelece uma articulação entre o que chega, a adição, e o “rastro” existente. (Figura 3)

Restituído em sua potência de linha conectora territorial, o antigo ramal férreo, re-significado ao transformar-se em uma ciclovia, é articulado com algo que não parecia ser necessário para sua reativação e re-funcionalização. Entretanto, um abalo radical parece só poder provir de um certo *fora*, de algo que vem de fora, não para completar, confirmar, consolidar ou para romper, mas para desajustar o sentido dado.

O projeto de Hadid insere-se como uma adição suplementar (o *parergon*<sup>5</sup>), uma inscrição des-necessária porque não apenas complementar. Não parece ter sido criado para suprir uma carência, mas para alterar a dinâmica de um território.

Já cumprindo, novamente, um papel de alinhavo territorial, o viaduto, evidentemente, não seria “complementado” por um programa habitacional. O

(5) A partir de uma visão derridiana, e não kantiana, *parergon*, derivado do termo *parerga*, de Kant, seria tudo aquilo que não é nem obra nem fora da obra, metade-obra, metade fora-da-obra. O *parergon*, para Derrida, poderia ser entendido como um suplemento, aquilo que parece ser além do necessário, mas capaz de fundir-se ao marco, ao *ergon*.



Figura 3: A arquitetura como uma escritura suplementar, aquela que acrescenta e, paradoxalmente, substitui. O suplemento gerado não é ela nem a naterior, mas um outro

Foto: Autor

viaduto, o objeto paradigmático e potencializado em seu “ser”, uma linha urbana, adquire a possibilidade de um vir-a-ser nesse momento do território no qual uma inscrição suplementar, não-necessária, chega, interfere e deforma esse “ser” existente.

O viaduto *spittelau* carrega, em seu nome, seu título, sua própria condição histórica, estando preso a uma convenção, uma estrutura representacional de uma linha territorial baseada no deslocamento e ligação; uma marca sobre um território, marcado por uma “identidade” ao ser identificado como linha infra-estrutural.

Porém, em qual medida aquilo que chega, o “fora da obra”, estranho à própria obra, seria capaz de alterar a condição do que parece ser *próprio* dessa obra? Ou seja, o jogo “suplementar” poderia ser uma estratégia de desestabilização do “ser” da obra ao provocar desvios não-previstos (contingências), além do previsto, na obra?

Nesse projeto habitacional, Hadid cria três grandes blocos de apartamentos sobre pilotis, de geometria irregular, apoiados em uma estrutura própria (talvez um *para-site*, mas não um parasita), independente da estrutura do viaduto. Localizado junto de um canal do rio Danúbio, o conjunto se articula com o rio por um sistema de *decks* em dois níveis; um, maior, como um terraço junto dos arcos do viaduto e outro inferior, na cota de entrada do metrô (Figuras 4 e 5).

Um grande conjunto tectônico, de formas irregulares, fraturadas, tortuosas e aparentemente instáveis, envolve o antigo viaduto. Como mencionado, sob o viaduto, há a previsão de lojas, um restaurante e um bicicletário, além de uma casa noturna no subsolo, junto da estação de metrô. Recém-inaugurado, parece não ser difícil imaginarmos como poderá ser a dinâmica desse local quando os estudantes passarem a habi(li)tar o local, quando iniciarem o processo de habilitação desse *patchwork* urbano.

Qual potência territorial urbana poderá haver nessa combinação entre o espaço urbano físico, os moradores estudantes e os transeuntes urbanos? Há a



Figura 4: Vista desde o canal, mostrando os três blocos com os *decks* inferior e superior. Vazios e aberturas entre os blocos permitem a visualização do viaduto

Fonte: Disponível em: [www.checkonsite.com](http://www.checkonsite.com)

perspectiva, aqui, de um território que deixa de constituir-se como um conjunto físico inerte composto por uma estrutura estacionária de edifícios, ruas, usos, infra-estruturas para constituir-se em um suporte em permanente interação com as pessoas, um “microecossistema” em que interatuam fluxos de energia e de materiais; perturbações e interferências territoriais que potencializam o surgimento de configurações espaciais efêmeras (espaçamento), paisagens móveis e ritmos temporais – o tempo dado pela ciclovía e pelo metrô, o tempo do morar, o tempo do lazer diurno e do noturno.

O programa adicional inscrito parece fortalecer tal situação ao trazer outras possibilidades de existência para as três linhas infra-estruturais urbanas: o viaduto por onde passa a ciclovía, o metrô e o rio. Residências, comércio, bicicletário e essas “linhas de força” infra-estruturais passam a fazer parte de uma nova condição espaço-temporal desse local, um conjunto urbano que parece não mais ser possível de ser visto como um somatório ou justaposição de situações, ou como uma diferença entre aquilo que estava lá, a obra, a existência (o viaduto), e o que chega, o fora-da-obra, o além da existência (o conjunto residencial).

Infra-estruturas e supra-estruturas passam a funcionar como um sistema indissociável; pontos e linhas se amalgamam na possibilidade de estruturação de uma outra relação espaço-tempo daquele território. Sobre um território do deslocamento, da passagem e da ligação, anuncia-se um território da tessitura, da costura, da articulação, da permanência (Figura 6).

Nem as três linhas infra-estruturais são mantidas como “rastros” urbanos, marcas apagadas em sua existência paradigmática, baseada *apenas* no deslocamento e na fluidez, nem a supra-estrutura, os três blocos habitacionais, é condenada a uma existência em-si-mesma ou complementar. Viaduto, metrô e rio, normalmente, e por diferentes motivos, espectros urbanos (presenças pouco consideradas), conjuntamente à habitação, comércio e bicicletário perfazem um

Figura 5: Deck inferior de acesso ao metrô  
Foto: Autor



Figura 6: Acoplamento suplementar  
Foto: Autor



sistema urbano fundamental para a formação e advento de outras situações, contingentes, naquele território.

Diz Derrida (2001, p. 72) sobre o *Parergon*,

*“sempre uma forma sobre um fundo, o parergon, entretanto, é uma forma que tem por determinação tradicional não se destacar, mas desaparecer, fundir-se, borrar-se, fundir-se no momento que despreza sua grande energia. O marco não é, em nenhum caso, um fundo como podem ser o meio e a obra, mas sua espessura de margem não é, tampouco, uma figura. Ao menos é uma figura que se retira por si mesma”*.

O projeto de Hadid, uma supra-estrutura, um marco, com limites que poderiam apenas sobrepor-se como uma excitante e expressiva figura sobre um fundo *quase* ausente, perde nitidez ao contaminar-se e fundir-se com um rastro, o viaduto *spittelau*, além de contribuir para uma formação suplementar deste – *superação* – seja em relação à sua condição de linha infra-estrutural, seja em relação à representação anterior atribuída que possui.

Tentativas de composições e enquadramentos entre supra e infra-estruturas dão lugar a um jogo associativo entre pontos (três blocos, três pontos, reticências, *etcetera* – passível de continuação?) e linhas, cujos limites e abrangência parecem ir muito além daquele sugerido pelo inegável marco na paisagem e o “lugar” urbano simbólico originado.

Três blocos sólidos são costurados (implantação em ziguezague) aos “rastros” por intermédio de três pontos de contato. Solidarizam-se, mutuamente, em um processo de *superação* de suas representações em direção a uma apresentação por vir quanto às apropriações e re-atribuições possíveis.

O projeto sugere a impossibilidade de sua compreensão a partir do *em-si-mesmo*. Sua condição associativa coloca-o em uma posição de *ser-com*, de um poder-ser que vai muito além do ser proposto por Hadid. Ao compor-se com o viaduto, com o metrô e o rio, cria um sistema urbano, suplementar em relação aos sistemas anteriores e ao seu próprio ser, a saber, o abrigar/habitar.

Essa nova condição gerada – uma combinação entre “rastros” infra-estruturais (metroviação + viaduto/ciclovias + fluvial) e uma supra-estrutura (o complexo habitacional) cria uma situação complementar e suplementar (*parergonal*) ao mesmo tempo. O projeto de Hadid, aparentemente des-necessário naquele cenário, parece tornar-se indispensável à articulação e ao fortalecimento das infra-estruturas justapostas e autônomas naquele local. Três “rastros” urbanos alteram a qualidade urbanística do projeto de Hadid e têm sua qualidade urbana alterada por ele. Inversamente, nem presenças nem ausências, esses “rastros” urbanos – as três linhas infra-estruturais – costuram o complexo habitacional ao território, conferindo-lhe urbanidade.

A sobreposição e talvez “de-formação” – condição para outras formações – do viaduto, desenhado por Otto Wagner, torna-se a pré-condição para outras formações ao possibilitar uma *superação* do sentido de ambos. Naquele instante, naquele ponto, o viaduto deixa de ser uma infra-estrutura *quase* ausente, associada apenas à passagem e ligação, para se transformar em um suporte fundamental (vigência vigorosa do rastro) aos três blocos habitacionais, que, por sua vez, deixam de ser apenas pontos no território para se tornarem uma demarcação na distância-passagem pelo viaduto.

Conectado a uma importante estação de trem de Viena (também de nome *spittelau*), o conjunto arquitetônico garante tempos distintos a todos aqueles – principalmente os estudantes – que chegam à estação, provenientes de outras regiões e países e dirigem-se ao centro da cidade. Ao mesmo tempo concentração e dispersão (ponto e linha), o dueto arquitetônico (ou seria um saudável duelo?), o *ser-com* formado pelos projetos de Hadid e Wagner proporciona relações de proximidade/troca (entre os estudantes/moradores e transeuntes urbanos) e irradiação urbana; proxemia e diastemia coexistem em um *momentum* arquitetônico e urbano incomum em uma época de profícua exploração formal e exercício triunfal de objetos autônomos, paradigmáticos em suas condições de encerramento em-si-mesmos.

Talvez a potência ainda por vir desse projeto esteja em sua capacidade de proporcionar mobilização e mobilidade urbanas por configurar-se, ao mesmo tempo, como um pólo catalizador (reforçado por um programa estratégico capaz de gerar cotidianidade) e uma estrutura dissipadora territorial.

O espaço político, da *polis*, torna-se dinâmico nesse promissor processo de fortalecimento de um rastro, ou seriam três? (o viaduto *spittelau*, o metrô e o canal do rio Danúbio), quase ausente e desejável “fragilização” do que poderia ser apenas mais uma supra-estrutura imagética. A partir do fortalecimento de rastros, a possibilidade de traços futuros. A partir do ser-com, de um ser-para-além-si-próprio, a possibilidade de ser-em-si-mesmo um outro; nem apenas infra-estrutura, nem apenas super-estrutura, mas um e outro ao mesmo tempo.

### Operando com rastros

O projeto de Hadid acopla-se a uma linha urbana, intensificando e acentuando sua importância urbana em um ponto ao inter-relacionarem-se. Antes rastros, de capacidades reduzidas e limitadas em suas possibilidades de provocar reações e interferências urbanas porque presenças isoladas, autônomas, agora, por intermédio de uma estratégia de articulação infra e superestruturais, há a possibilidade da invenção de uma outra situação, um outro indeterminado, indeterminável, um porvir urbano provocado por instáveis engendramentos e desenvolvimentos programáticos. Desenvolvimento como germinação de acontecimentos imprevistos, usos e situações além daquilo colocado e sugerido pelo programa inicial.

Percebe-se que, no projeto de Hadid, o programa é utilizado como uma estratégia de incremento e (re) ativação de um rastro urbano, uma linha urbana que cumpre seu papel como articulação na macroescala, mas parece ter sua existência reduzida a um rastro urbano em nível local, uma presença ausente, uma presença incapaz de gerar urbanidade em escala local, na microescala.

O programa parece operar com e além do rastro, utilizando-se de uma situação urbana preexistente, porém pouco participativa da dinâmica urbana (novamente, a idéia do rastro, de presenças ausentes) para reforçá-la, incrementá-la, manipulá-la, intensificando-a a ponto de provocar sua condição de geratriz de novas urbanidades possíveis.

O projeto sugere a possibilidade de um rastro transformar-se em uma potente linha urbana, ao criarem-se nós por intermédio de costuras entre infra e superestruturas e articulações programáticas.

### O programa como tessitura de rastros

Historicamente pensado a partir de uma perspectiva racional-utilitarista, o programa em arquitetura sempre esteve associado a uma noção de idealidade temática. O que seria o mais apropriado, adequado, em termos de usos e atividades para um determinado tema? Qual seria o programa próprio para esse ou aquele tema, para um centro cultural, uma biblioteca, um museu, habitação? O programa pensado e ajustado a partir de idealidades universais, do transcendental ou do histórico-empírico. Há, no processo de definição programática, na maioria dos casos, uma utilização a-crítica daquilo que permanece na história como o mais apropriado, o próprio de cada tema, um raciocínio baseado no pertencimento.

Em *Gramatologia* (2004, pg11), discorrendo sobre os conceitos de escritura e linguagem, o papel da escrita e do discurso, Derrida aborda o conceito de “grama”, o grama ou grafema, aquilo que denomina “*o Elemento – o elemento quer seja entendido como o meio ou como o átomo irreduzível – da arqui-síntese em geral, daquilo que deveríamos proibir-nos a nós mesmos de definir no interior do sistema de oposições da metafísica, daquilo que, portanto, não deveríamos nem mesmo denominar a experiência em geral, nem tampouco a origem do sentido geral*”. Para Derrida, o “grama” poderia ser uma estratégia de redução à menor unidade, o *quase nada*, o fragmento que escapa ao discurso constituído e às supostas origens e sentidos desse. Por isso, seria capaz de gerar e ativar o suplemento, a condição suplementar, de complementaridade; significações além do signo, sem que isso implique no almejo do estabelecimento e a fixação de sentidos ou síntese dos significados possíveis.

Em qual medida poderíamos pensar o programa, o programa arquitetônico, como uma estratégia do surgimento de uma condição suplementar no interior da estrutura, mais do que a fixação dos sentidos e significados dessa estrutura, ao sugerir o que seria mais apropriado ou mais adequado para sua utilização ou aproveitamento? Tampouco seria a idéia da simples justaposição ou união de usos e atividades, empiricamente tidas como complementares; como o senso-comum sugere em relação à multifuncionalidade. Ao contrário, a idéia de programa como um pro-grama (*for gramme*), pelo grama, em favor do grama, como algo que diz respeito aos processos de construção de uma dinâmica mínima capaz de provocar reações e estimular e fortalecer as solicitações (*sollus + ciere* – etimologicamente mover, abalar o todo) *a posteriori* por parte do usuário/fruidor para com a estrutura, mais que a necessidade de determinar *a priori* os limites de como essa poderia ser usada.

Apesar da aparente convencionalidade programática do projeto de Hadid, o que parece sugerir a força e intensidade de ambos é mais a dinâmica e situação montadas do que os usos sugeridos.

No projeto de Hadid, um sistema composto por habitação estudantil, comércio local e casa noturna, associado às linhas infra-estruturais de mobilidade como ciclovias, metrô, rodovia, sugere a possibilidade de co-existência de tempos distintos, permanência/aglomeração e passagem.

Mais do que pensar na idealidade do que seria mais ou menos apropriado para esses locais ou situações (geralmente idealidades baseadas em pertencências histórico-metafísicas), o que parece amalgamar território e pessoas e fortalecer o nó é a possibilidade de uma des-limitação imponderável das manipulações e solicitações programáticas possíveis por parte do fruidor urbano.

Chama a atenção a situação suplementar possível a partir das articulações programáticas construídas. Novamente, o programa passa a operar com a perspectiva de um ser-com não evidente mais que um ser-para-si-mesmo auto-evidente. O projeto se fortalece, se encarmos a proposta programática mais como jogo e amálgama de situações (uniões e rupturas imprevistas e momentâneas) que como fixação de estáveis atividades afins e complementares. A definição dos usos e a resolução das necessidades parecem ser menos importantes que o porvir suplementar possível a partir de presenças ausentes, da tensão invisível gerada pelas imprevisíveis articulações de atividades não-complementares (o suplemento), capaz do desenvolvimento de práticas e situações muito além daquilo que os programas sugerem.

De alguma maneira, talvez possamos pensar o *grama* como um rastro, e corresponderia a uma força de engendramentos, invisível, espectral, inominável e incontrolável, ao ser trabalhada mais a partir de uma perspectiva da eclosão do imprevisto, do acidental – a chance do porvir – do que como fixação e delineamento de outras realidades e resolução de necessidades identificadas *a priori*. O pro-grama passaria a funcionar como uma estratégia, operando como rastro – como os viadutos – uma presença espectral o suficiente para receber e aceitar a emergência de solicitações e inscrições suplementares. A “espectralidade” do programa assombra o próprio programa por meio de forças in-visíveis as quais, constantemente, ameaçarão as ordens constitutivas e estáveis do próprio programa, entremeando-se a elas. O programa espectral pode se tornar algo perturbador, se permitir um funcionamento que não possa ser contido por desejados ordenamentos preexistentes. Operar o programa como um rastro seria considerá-lo uma estratégia “pré-formationista”, seria operá-lo como motor de fluxo contínuo de acontecimentos imprevistos e não como gerador de usos supostamente dominados e controlados. Não mais entendido *apenas* como um sistema estático fechado, tomado como evidente e auto-suficiente, idealizado em seu papel e representação de garantia de “bom funcionamento” das estruturas ou um sumário e listagem de usos e atividades aptos a serem usados, mas força disseminadora (rastros) de situações e significações.

Novamente, em *Gramatologia*, Derrida cria o conceito de “brisura” (p. 80), do francês *brisure*, para discorrer sobre o tecido do rastro e a escritura da diferença a partir dele. Entende-se por brisura algo que não é nem junção, nem ruptura, mas os dois ao mesmo tempo, “juntura”. O rastro, nem presença, nem ausência, mas articulação e fluxo de acontecimentos não-previstos no tempo e espaço, seria a possibilidade de insubordinação do programa, por meio de seu tensionamento, à presença plena e estável do próprio *logos* programático em arquitetura, ou seja, o programa definido a partir de uma razão empírico-histórica apriorística; faz-se assim porque assim sempre se fez.

Nem na simples justaposição de estruturas, nem na apregoada e superestimada “multi-funcionalidade” programática, o grau de intensidade das trocas sociais urbanas espontâneas – não-controladas, não-direcionadas, não-dirigidas – de uma dinâmica urbana plural (*d'une mixité urbaine*) dependem da tessitura de articulações, do rastro; o rastro é articulação, articulação como tensionamento e interferência, junção e ruptura ao mesmo tempo, reforço do em-si-mesmo e emergência do outrem.

Em tempos de segregações urbanas e objetos auto-referenciais, a articulação é a diferença urbana, é a capacidade do ente ser algo além do ser-para-si-mesmo.

## BIBLIOGRAFIA

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Correa. São Paulo: Ed 34, v. 11, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Psyche – Inventions of the other*. Tradução da Board of Trustees of the Leland Stanford Junior University. Califórnia: Stanford University Press, v. II, 2008.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *La verdad em pintura*. Tradução de Maria Cecilia Gonzáles y Dardo Scavino. Barcelona: Ediciones Paidós, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Cintra e Antonio M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão, guerra e democracia na era do Império*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- JOSEPH, Isaac. *El transeunte y el espacio urbano*. Tradução de Alberto L. Bixio. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002.
- MUÑOZ, Francesc. Paisajes banales: bienvenidos a la sociedad del espectáculo. In: SOLÀ-MORALES, Ignasi de; XAVIER, Costa (EE.). *Metrópolis*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.

### Nota do Editor

Data de submissão: fevereiro 2010

Aprovação: agosto 2010

---

#### Igor Guatelli

Graduado e mestre pela FAUUSP e doutor pela FFLCH-USP

Rua João Moura, 870, ap. 202 B. Pinheiros

05412-002 – São Paulo, SP

(11) 9147-7441

igorguat@uol.com.br